

A primeira parte, disposta sob a rubrica *Ancient Near East*, inclui cinco textos de especialistas reconhecidos nas matérias sobre as quais escrevem, como S. L. Budin e G. Leick. Aqui, encontramos textos sobre a reprodução e a sexualidade no Antigo Israel, sobre a fertilidade no Próximo Oriente em geral e sobre a sexualidade na Mesopotâmia. Sentimos falta de um estudo sobre a problemática no Antigo Egípto, havendo especialistas, como L. Manniche, por exemplo, que facilmente o poderia ter produzido para este efeito. Por outro lado, o estudo sobre as parafilias e sua representação parece-nos da maior importância e pertinência.

A segunda parte, *Archaic, Classical and Hellenistic Greece*, conta com treze contributos (facto em que de imediato se percebe o referido desequilíbrio relativamente ao tratamento das matérias do mundo próximo-oriental), dos quais destacamos os trabalhos de A. Blanshard e A. Lear (que trazem de novo à colação as problemáticas da pederastia e da homossexualidade na Grécia Antiga), S. Goldhill (sobre a prostituição), M. C. Cyrino (sobre *eros* no *Hipólito* de Eurípides), K. L. Gaca (sobre a sempiterna relação entre guerra e sexualidade) e J. Robson (sobre o igualmente perene Aristófanes e os usos que o dramaturgo faz do sexo nos seus escritos).

A terceira parte, *Republican, Imperial and Late-Ancient Rome*, apresenta doze estudos, ao nível, portanto, do que é oferecido para a Grécia Antiga, encontrando-se nela estudos que vão das percepções da pederastia na Roma Antiga (A. Richlin) ao epigrama erótico (S. D. Smith), passando pela problemática da representação da disfunção erétil (excelente abordagem de J. P. Hallett), à semântica lexical da sexualidade (C. Williams).

Acaba por ser um pouco frustrante que uma obra desta envergadura não contenha um *index locorum* que auxilie o investigador no seu manuseio. Efectivamente, o livro merecia-o. Mas a qualidade dos textos é elevadíssima e só podemos congratular os autores e os editores por a terem posto à nossa disposição.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História

MARKE AHONEN (2014), *Mental Disorders in Ancient Philosophy*. (Studies in the History of Philosophy of Mind 13), Heidelberg, Springer, 265 pp. ISBN 9783319034300 (129.00\$)

O presente livro expõe de forma organizada e clara os distúrbios mentais, ou aquilo que era considerado como tal, na antiguidade clássica. Marke Ahonen aborda as questões do foro psicológico partindo de fontes escritas pelos filósofos, desde Platão até à antiguidade tardia. Podemos dividir o estudo em questão em duas partes principais. A primeira parte consiste

na explicação das doenças mentais reconhecidas pelos filósofos antigos, como a *mania* e a *melancolia*, de forma geral (presentes no segundo capítulo, “Medical and Cultural Background”). A segunda parte aborda de forma minuciosa aquilo que era considerado distúrbio mental, através dos textos dos diferentes filósofos.

Posteriormente, o autor refere Hipócrates e realiza uma descrição genérica daquilo que podia ser visto como loucura, bem como da *mainesthai* e *paranoia*, presentes na *Doença Sagrada* (p.10). Na *Doença Sagrada*, segundo o investigador, nunca são referidas as questões relacionadas com a alma ou sentimentos, mas apenas os elementos que se relacionam meramente com o cérebro, como as funções cognitivas e movimentos voluntários. Esta observação do investigador expõe algum cepticismo, o que também é necessário neste tipo de estudo.

Marke Ahonen explora ainda o conceito da loucura, utilizando duas perspectivas. Através de Célio Aureliano, o autor analisa a questão física e os sintomas associados daqueles que são detentores de *insania*, como dores de cabeça ou sangue nos olhos (pp.14-15). Com Platão é demonstrada a associação entre as emoções e a irracionalidade, que se manifestavam num estado de inspiração divina e frenesim (p. 37).

No capítulo sobre Platão (“Plato on Madness and Mental Disorder”), o autor expõe de forma completa as passagens dos textos do filósofo onde existe a descrição das doenças mentais. Na conclusão do capítulo, Marke Ahonen refere de forma estruturada e resumida a *mania*, algo que, na nossa opinião, deveria ter ocorrido anteriormente.

Apesar do tema do trabalho ser apenas do âmbito da filosofia, o autor poderia ter recorrido e explorado os textos trágicos, como as *Bacantes* ou *Hipólito*, onde episódios de desordem mental e insanidade constituem um dos focos principais. A interpretação das tragédias e a maneira como reflectiam o pensamento da comunidade são fundamentais para qualquer análise no campo da área das clássicas.

Uma grande lacuna neste estudo é, ainda, a ausência da relação entre as manifestações da loucura, como a *mania*, e a religião. Sendo a religião um ponto central da vida da sociedade antiga, não desenvolver este aspecto revela-se uma falha. O autor indica que não se encontra qualquer referência a distúrbios mentais ao longo da obra de Aristóteles (“The Aristotelian Concept of Mental Disorders”). Marke Ahonen refere as perturbações da alma, mas não as relaciona com o tema principal do seu estudo, o que o torna incompleto, pois não foram alcançadas conclusões objectivas.

O capítulo quinto, “The Stoics on the Kinds of Madness”, revela ser o mais bem conseguido deste livro (p.103). Os estóicos tinham noção e acreditavam que as desordens mentais médicas afectavam o ser humano do ponto de vista cognitivo, distorcendo a realidade e o pensamento. O ponto alto da abordagem do autor manifesta-se, quando compara e relaciona a definição

dos distúrbios mentais a partir dos estóicos com a concepção actual, evidenciando a relação entre o corpo, a mente e a alma (p.113).

A análise das doenças mentais é um tema muito amplo e complexo. Como tal, não é possível analisar de forma minuciosa todos os aspectos destas perturbações na sociedade clássica e a sua interdisciplinaridade num só volume.

O objectivo do estudo é, nestes limites, alcançado. O autor aborda, de forma incisiva e clara, a existência dos distúrbios da mente nos textos dos filósofos antigos. Sem dúvida que é necessário louvar Marke Ahonen pela simbiose que realiza entre o aspecto filosófico e o físico dos indivíduos que são detentores de perturbações mentais (p.140). Esta investigação de Marke Ahonen não é pioneira na área da antiguidade clássica. Contudo, proporciona uma mais-valia ao estudo da psicologia histórica e ao conhecimento da sociedade em causa. Assim, *Mental Disorders in Ancient Philosophy* constitui uma obra importante e de leitura imprescindível, como base para a elaboração de futuras investigações sobre o tema das doenças do foro psicológico e da sua relação com a sociedade clássica.

Joana Pinto Salvador Costa

Universidade de Lisboa, Centro de História

ROBIN NADEAU et JOHN WILKINS eds. (2015) *A Companion to Food in the Ancient World*. Oxford, John Wiley & Sons Ltd., 472 pp. ISBN 978-1-4051-7940-9 (£120.00).

Nas últimas décadas, o estudo da Antiguidade tem sido enriquecido pelo contributo procedente da investigação das problemáticas relacionadas com a alimentação. Seguindo esta senda, a série *Blackwell Companions to the Ancient World* fez-se nutrir de um novo volume, que agora resenhamos: *A Companion to Food in the Ancient World*.

Editado por R. Nadeau e J. Wilkins, insignes especialistas na investigação da alimentação no mundo antigo (o primeiro, nos domínios da história cultural e religiosa da alimentação, dos comportamentos à mesa e hábitos alimentares; o segundo, na província da alimentação, medicina e nutrição), acompanha a tendência actual neste campo de estudos. Com efeito, toma como principal foco as questões culturais e sociais relacionadas com o alimento e a alimentação, mas perscruta as mesmas igualmente no plano económico, político e religioso (pp. 2 e 5). Mediante esta abordagem holística, pretende-se alcançar “a global understanding of food and society in the ancient classical world” (p. 5). Nesta esteira, em trinta e oito capítulos distribuídos por cinco partes, o volume cobre todas as etapas concernentes à alimentação: cultivo, produção, recolha, armazenamento, preservação,